

# Galeria Chaves: um exemplo de revitalização no Centro Histórico de Porto Alegre<sup>1</sup>

Juliano Leal Camargo<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo mostra o exemplo de revitalização do prédio da Galeria Chaves no Centro Antigo de Porto Alegre, com enfoque de pesquisa exploratória e documental, e método qualitativo, aborda a trajetória histórica do centro da cidade de Porto Alegre e suas transformações, através dos tempos, busca através de fotografias identificar as mudanças sofridas durante as etapas de revitalização, tendo como auxílio da memória social e para o embasamento documental as fotografias do local, captadas em um antes e depois da revitalização.

**Palavras-Chave:** Memória Social. História e Memória. Memória e Fotografia. Revitalização Patrimonial.

**Abstract:** This paper exhibits the example of revitalization of the Chaves Gallery building located in Historical Downtown, Porto Alegre, Brazil, by focusing on a exploratory and documentary research using a qualitative method. It examines the historical trajectory of the city's downtown and its transformations over time and seeks to identify through photography the changes undergone during the revitalization stages. Photographies taken both before and after revitalization process were considered as documentary background and support from social memory.

**Keywords:** Social Memory. History and Memory. Memory and Photography. Urban Revitalization.

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tenta recuperar um pouco da história do Centro Antigo da cidade de Porto Alegre, tendo como objeto de estudo o exemplo de revitalização executado no prédio da Galeria Pedro Chaves Barcellos, conhecida pelos portoalegrenses como Galeria Chaves, e por esta denominação o autor opta por

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao Curso de especialização *latu sensu* História e Cultura no Brasil da Universidade Gama Filho, como pré-requisito parcial à obtenção da nota de aprovação de pós-graduação em maio de 2013. Orientadora metodológica: Professora Ms.: Alexandra Dias Ferraz Tedesco

<sup>2</sup> Bacharel em Biblioteconomia, bibliotecário da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. E-mail: julcam@ibest.com.br.

cita-la neste trabalho. De construção peculiar datada de 1936, e que felizmente foi revitalizada, trazendo uma nova opção de compras para o centro da cidade com o charme de uma construção que respira a história de Porto Alegre. Antes da revitalização, a Galeria que já era tombada, pertencia à família Chaves Barcellos, a qual vendeu o imóvel para o senhor Augusto Dall’oglio, que investiu na reestruturação do prédio, mesclando os elementos antigos e característicos da galeria às modernidades e facilidades de uma construção comercial de nosso século. Isso incrementou o movimento dentro de todo o estabelecimento comercial, e, de certa forma, trouxe de volta à vida uma joia que estava pouco polida durante muitas décadas, abandonada e sem brilho, o centro de uma cidade que sempre teve a preocupação com o moderno, esquecendo o antigo, preferindo a substituição de seus prédios à revitalização ou ao restauro das edificações.

A preocupação com o antigo surge em Porto Alegre na década de setenta, com documentação e interesse em preservar alguns prédios da cidade, mas infelizmente algumas das edificações inventariadas nesse período foram destruídas antes da concretização do tombamento; assim, Porto Alegre foi crescendo e o moderno foi ocupando o lugar do antigo, mas o moderno de antigamente, hoje já pertence ao imaginário dos habitantes e de certa forma faz parte de um passado. A preocupação de preservar surge entre especialistas, intelectuais e jornalistas, porém, documentado e tornando o centro da cidade com a nomenclatura Centro Antigo, somente na segunda metade da década de 2000. Contudo, pouco se vê em demonstrações concretas de preservação da cidade, o pouco em andamento na cidade é uma iniciativa de empresas privadas para o aproveitamento dos prédios que são tombados, e as iniciativas governamentais são demoradas e se arrastam na morosidade de uma máquina viciada e emperrada. Este trabalho tenta dar uma pequena contribuição documental, utilizando-se da pesquisa exploratória em fontes de informação de diversos suportes informacionais, assim como a utilização de um acervo fotográfico feito pelo autor durante quatro anos do objeto de pesquisa deste estudo, abrangem fotos de antes da intervenção, durante e como o objeto de estudo ficou após a revitalização. Desse modo, criou-se um laço entre memória e fotografia, além das questões de revitalização de um patrimônio tombado e a observação do autor, sendo um espectador de uma mudança em um local que traz consigo uma carga de memória afetiva em sua vida pessoal por já ter vivido no centro da cidade e ser freqüentador do espaço da galeria, assim como na vida de várias pessoas que trabalham, vivem e transitam diariamente pelo centro e convivem com a Galeria

Chaves em seus deslocamentos, ou são usuários dos vários serviços que o estabelecimento dispõe. Se levarmos em conta o conceito de micro história, trataremos da história de um ponto específico que faz parte de um grande conjunto arquitetônico do centro da cidade, a história fragmentada, onde um elemento dentre vários é o escolhido como objeto de estudo. Tentar decifrar sua função dentro de um contexto e de uma época, e, porque resistiu ao tempo, chegando aos dias atuais, e pertencendo á memória social das pessoas e da cidade.

Este artigo objetiva destacar a importância da revitalização e transformações dos espaços públicos e privados do Centro Histórico de Porto Alegre através dos tempos, respeitando dentro do possível o valor histórico das construções, tendo como objeto de estudo a Galeria Chaves, importante prédio comercial do centro da capital gaúcha. Como objetivos específicos, destacar o referencial de patrimônio e memória para uma cidade e a fotografia como suporte da memória, utilizada como testemunho de uma transformação.

### **1.1 Procedimentos Utilizados Para Esclarecimento do Problema**

Configura-se em um estudo abordando o método qualitativo, utilizando a técnica de pesquisa exploratória.

A opção pelo método qualitativo, dá-se pelo estudo ser de natureza social e não envolver dados estatísticos, a pesquisa utilizada é de natureza exploratória, pela reunião de fontes de pesquisa bibliográficas e digital a ser investigada para a execução do trabalho.

Para Teixeira, (2005, p. 137) “na pesquisa qualitativa o pesquisador procura reduzir a distância entre a teoria e os dados, entre o contexto e a ação, usando a lógica da análise fenomenológica”, as experiências pessoais do pesquisador são relevantes, e, é dado o direito ao pesquisador de interpretar a realidade, mas, não o de deturpá-la ou descrevê-la diferente à situação real.

Mostrar a realidade mesmo tendo ligação afetiva com o elemento pesquisado é o que objetiva o autor, sem a mínima pretensão de ser tendencioso, simplesmente um observador dos fenômenos e mudanças do objeto de estudo, que vem a ser a Galeria Chaves.

## 2 A CIDADE E SUAS TRANSFORMAÇÕES

Uma cidade deve conviver com seus monumentos e construções, que remetem a uma época já passada, e suas construções atuais. Nem tudo o que é construído ficará como um marco para o futuro, mas de certa forma é necessário escolher algumas construções como representantes de determinada época, isso porque dará um referencial mnemônico à cidade e torna-a com a face de seus habitantes, pois a cidade não é somente feita de presente ou passado, nem de pessoas de uma mesma idade ou com os mesmos gostos, um cidadão deve em sua cidade sentir-se em casa ao trafegar pelas ruas, ao entrar em um teatro, enfim, conforme o tempo vai passando, as cidades modernizam-se, mas a importância da preservação deve existir sempre, pois os moradores da cidade adquirem lembranças e memórias dos lugares que de certa forma compõem suas vidas.

Ou seja, para o resgate da memória e da história de uma cidade é preciso convocar e recolher registros de uma outra época, testemunhos e traços de diferentes naturezas, que possam dar conta das transformações do espaço urbano no tempo. (PESAVENTO, 2006, p. 14).

E se tudo fosse mudado em uma cidade? E se a necessidade do moderno fosse o que prevalecesse em uma cidade? Certamente o homem que ali vive se tornaria um estrangeiro de sua própria cidade, um transeunte sem rumo, um náufrago que retorna depois de muito tempo a sua aldeia e, já não mais conhece os lugares de sua memória, pois tudo mudou neste tempo que ficara isolado.

A necessidade do moderno aconteceu em Porto Alegre, nas décadas de 30 e 40, antes, uma cidade com ares de interior, para tanto muito da antiga cidade foi demolido, sombras de um passado menor foram apagadas, tudo pelo moderno, pelos ares de metrópole, novas ruas viadutos foram rasgados.

A busca da modernização era fato corrente entre os administradores e intelectuais atuantes na cidade, pois procurava-se substituir aquilo que representava nas primeiras décadas do século o atraso e o provincianismo da cidade. É perceptível porém que, apesar de concordar com as transformações implementadas, consideradas fundamentais, começava a aparecer já no início do século em cronistas porto-alegrenses, que levantavam o desaparecimento de lugares consagrados pelos munícipes para o desempenho das sociabilidades, como substituição de espaços tradicionais da urbanidade pela fria modernidade tão buscada. (GIOVANAZ, 1999, p. 66).

É importante destacar que Porto Alegre perdeu quase um total de seu traçado original, pouco foi preservado dos antigos casarões do centro da cidade, a igreja do Rosário uma jóia barroca da cidade foi demolida e no lugar construída uma nova igreja do Rosário com ares mais modernos, condizente com os ares de metrópole que a cidade deveria de ter, assim, negando de alguma forma o seu passado provinciano.

As comemorações do bicentenário da colonização de Porto Alegre, em 1940, se enquadraram perfeitamente na cenografia comemorativa do Estado Novo, tanto na sua grande dimensão coletiva, quanto no simbolismo utilizado. [...] O prefeito Loureiro da Silva foi louvado por esse período de crescimento excepcional da cidade. É claro que as reformas urbanas e as consequentes mudanças na estrutura urbana não ocorreram sem “traumas”, para sociedade porto-alegrense. A demolição de muitas quadras, prédios e casas causaram a expulsão de populações e transformações de espaços urbanos centrais. (MONTEIRO, 2002, p. 20).

O pouco de que restou convive em um mosaico de construções perdido no meio de grandes prédios no centro da cidade e nos bairros mais antigos. Desta forma Porto Alegre assume um novo traçado e mesclando o moderno com o antigo, infelizmente o antigo não foi respeitado, e alguns marcos da memória da cidade que deveriam ser preservados, tombaram em nome do moderno.

As mudanças físicas decorrem tanto das necessidades, que a sociedade demanda ao assumir novas funções, como também das suas características culturais. Assim, o conceito de espaço é dado pelo produto da construção e pelos avanços da sua tecnologia, que definem a tipologia da arquitetura e do urbanismo, que, por sua vez, vão implicar na morfologia urbana e na configuração do ambiente. (SOUZA, 2006, p. 123).

Seguindo as tendências de modernização que começavam a povoar a cidade, em 1936 foi construída a Galeria Chaves, ainda com ares clássicos na sua construção, projeto do importante arquiteto Fernando Corona e Agnello de Lucca, a galeria representou um marco na construção da cidade, sem contar que fazia o ligamento entre duas ruas, Rua dos Andradas, conhecida como rua da praia e José Montaury, rua da estação do bonde e de grande fluxo de pessoas.

Na parte do centro próxima da Praça XV, pelo menos quatro casos de arquitetura inventiva e atualizada vão ser construídos. Em 1936, se inaugura a Galeria Chaves, uma belíssima passagem comercial ricamente trabalhada, que solucionou o problema do desnível entre a rua da praia e a José de Montaury com uma elegante escadaria e que conciliou, pela primeira vez em Porto Alegre, o passeio e a compra. (FISCHER, 2006, p. 87).

A Galeria Chaves, portanto é o primeiro prédio da cidade que concilia passeio e compras, um embrião do que hoje conhecemos como *shopping center*, construída com diversos materiais nobres em sua fachada e em seu interior, dando um ar de elegância e glamour ao local, somente o primeiro piso da galeria era usado para atividades comerciais, os outros quatro andares eram utilizados como moradia, existiam apartamentos.

Os espaços de compras foram sendo modificados, respondendo às peculiaridades de cada lugar e do momento econômico vigente. Em Paris, por exemplo, as luxuosas galerias foram criadas para prover ao público consumidor espaços confortáveis, protegidos e diversificados, uma situação singular em meio à falta de estrutura urbana que afetava o comércio de manufaturas nas primeiras décadas do século XIX. As grandes lojas de variedades e mais à frente os shopping centres norte americanos foram outras respostas à demanda do setor varejista do público consumidor por espaços para esse fim. Assim, o aumento crescente do excedente de produção e a diversidade de produtos oferecidos fizeram com que o comércio buscasse no fim do século XVIII em diante, espaços que, por algum motivo, para além da necessidade de abastecimento pudessem gerar fluxos de pessoas e negócios. (ALEIXO, 2005, p.25)

Diferentemente do exemplo de Paris a Galeria Chaves surge como mais uma opção de passeio e compras no centro de Porto Alegre, pois o que mais a sociedade das décadas de 30 a 50 tinham costume de fazer, como um hábito de se mostrar e ver os outros era o *footing* na Rua da Praia, mas o mote de atrair público para o interior da galeria tenha surgido com a questão de interligação entre as duas ruas da cidade, uma facilidade para quem ia de donde para o centro, pois chegava mais rápido a rua da praia utilizando-se da passagem pela galeria, a Rua dos Andradas (verdadeiro nome da Rua da Praia) fervilhava eram cinemas, confeitarias, alfaiates, livrarias, tudo acontecia lá, os estúdios fotográficos exibiam em suas vitrines fotos de moças da sociedade, sempre as mais bonitas, tudo para atrair o público que passava a fazer uso dos serviços fotográficos, nessa década a cidade já era tomada pela grande imigração sírio-libanesa responsáveis por abrir diversas confeitarias pela cidade e pela imigração judaica responsáveis pela variedade de lojas de tecidos, confecções e joalherias aonde os porto-alegrenses e pessoas que vinham do interior abasteciam-se e passeavam olhando as vitrines, tomando um bom café e comendo nas confeitarias.

O centro era uma festa, e a mudança da cidade acontecia sem a preocupação com a preservação patrimonial de grande parte da população e especialistas,

seguindo a esteira de modernização da cidade outros prédios de galerias e construções ousadas começam a surgir, tudo dava um ar cosmopolita à cidade que nada mais era que provinciana até pouco tempo atrás, tudo mudara e o que era orgulho em um passado recente, agora já era velho acanhado, motivo de vergonha, pois o novo o iluminado, a ousadia dos projetos atropelava nos olhos dos habitantes.

Mais ousado ainda foi o edifício Guaspari, inaugurado no mesmo ano de 1936, projeto de Fernando Corona (que também inventou a forma da Galeria Chaves, junto com Agnello de Lucca), erguido ao lado do antigo arranha-céu que era o Malakoff, agora um prédio com ar de velharia insuportável para certa mentalidade seduzida como a terrível idéia de que o progresso implica negação do passado. Quanto valeria hoje para a cidade o velho prédio, que em meados do século 19 era o orgulho do progresso porto-alegrense? O guaspari era pura vitrine no térreo, a indicar a força do nexo entre passeio e compra. Assim também foi com o edifício da Casa Sloper, inaugurado em 1938 na Rua da Praia, também autoria de Fernando Corona, e o prédio da loja Mesbla, projeto de Arnaldo Gladosh, de 1944. (FISCHER, 2006, p.87).

O centro e os arredores foram mudando de traçado, as construções foram ficando altas e cada vez mais espaços ocupados por pequenos prédios foram sendo substituídos, a idéia do moderno sempre teve lugar no imaginário dos porto-alegrenses. A década de 60 foi chegando e o centro já não era mais o mesmo do início das décadas de 30 a 50, ainda eram praticados os passeios na Rua da Praia, mas agora não mais por distração e para apreciar vitrines, mas sim pela vida agitada de uma cidade grande, para resolver diversos problemas burocráticos, ainda os cinemas atraíam as pessoas para o divertimento no centro. Já na década de 70 o bonde foi desativado.

Os anos 70 resultaram numa descaracterização de proporções gigantescas na paisagem da cidade. [...] Nestas transformações, a área central da cidade perde sua fisionomia antiga que ainda resistia ao impacto da modernização urbana: sucumbe o antigo abrigo de bondes e suas floristas; a área do mercado público e da Praça XV passam a ser lugar de terminais de inúmeros ônibus que afluem ao centro; a “Rua da Praia” cantada por poetas da cidade se transforma em “calçadão”, como também a Praça da Alfândega e a Praça Otávio Rocha; constrói-se a rodoviária e suas elevadas; o túnel da conceição ocasiona novas demolições, e o muro da Avenida Mauá retira da comunidade local o acesso ao porto. (PESAVENTO, 1991, p.113)

A Galeria Chaves já não podia contar com uma enxurrada de transeuntes em seu passeio, mas a diversidade de serviços não deixou a galeria perecer, ficou um

pouco parada no tempo, sem uma manutenção constante, chegando às décadas de 90 e 2000, já depauperada uma visão muito triste. O centro em geral também chegou aos anos 90 e 2000 de uma forma pouco digna, os cinemas foram fechados, e deram espaço para estacionamentos, lajões, igrejas neopentecostais e bingos, Somente um prédio, o do cinema guarani foi preservada, mas somente a sua fachada, pois foi adquirido pelo banco Safra, os camelos invadiram o centro, ocupando totalmente a Praça XV, parte da Rua José Montauray e posteriormente a Rua Vigário José Inácio, o problema só foi sanado em 2009, com a construção do centro popular de compras, conhecido como camelódromo. Investimentos e ações preservacionistas, já eram desejadas, mas pouca coisa fora feita, a Praça da Alfândega perdera o seu traçado da Porto Alegre antiga, transformando-se em um mato, isso que é o palco de um dos principais eventos literários do Brasil, a Feira do livro, e só teve sua revitalização em 2012.

Como uma tentativa de colocar em prática uma ação mais preservacionista, em janeiro de 2008 a lei nº 10.364, é aprovada criando a nomenclatura Centro Antigo para uma parcela do centro de Porto Alegre, infelizmente o passado da cidade não é tão antigo, pois se perdeu muito, e com o passar dos anos mais se perde, por uma falta de uma política incentivadora e pela valorização imobiliária, outro descaso é com a forma das fachadas que muitas vezes são ocultas ou modificadas aos poucos, o exemplo mais gritante é do edifício Guaspari, que nada preserva de seu projeto original e seu estilo *art'deco*, mesmo ainda sendo o mesmo prédio desde sua inauguração, pois sua fachada foi coberta com uma estrutura metálica, que empacotou o prédio, desvirtuando toda sua arquitetura.





Foto 1: Fachada do edifício Guaspari, Fonte: Autor desconhecido; disponível em: <http://arquivopoa.blogspot.com.br/2009/03/lojas-guaspari.html>



Foto 2: Fachada do edifício Guaspari na atualidade  
Fonte: O autor.

### 3 A GALERIA CHAVES

Datada de 1936, a Galeria Chaves já era utilizada antes de sua inauguração pelos transeuntes, isso está presente no livro *Os ratos*, pois a obra é editada em 1935. No livro *O Chalé e a praça XV*, os autores citam as linhas da cena que Dyonélio Machado escrevera em seu romance, colocando mais alguns elementos sobre a galeria :

Em outra cena, a mesma angústia, agora saindo da Galeria que ainda não está transformada pela mão da arquitetura moderna, caminhando em direção ao mesmo Abrigo, ponto obrigatório de referência para quem, como ele, vive no bairro servido pelo bonde:

“Hoje, ao passar na Quinze com os companheiros, no caminho para a joalheria, ele viu o médico, que deixava o portão da galeria, atravessa a rua em direção ao Abrigo. Ele ia passar sem vê-lo. Mas já no meio da rua voltou-se para o lado em que eles iam, meteu-lhe os olhos. Naziazeno teve de desviar a cara, olhar em frente, o passo precipitado”. (FISCHER, 2006, p.89)

Percebe-se que antes mesmo da conclusão total da obra, a galeria já era utilizada como passagem, pois o personagem do médico no romance deixa o pátio da galeria em direção ao abrigo dos bondes, o fluxo de pessoas desde a abertura da passagem deveria de ser intenso.

O arquiteto Fernando Corona, espanhol de nascimento que adotou Porto Alegre como sua casa, fez o projeto da Galeria com a colaboração de Agnello Nilo de Lucca a execução do projeto ficou a cargo da empresa Azevedo, Moura e

Gertum, fundada na década de vinte, foi responsável por diversas obras na capital, muitas delas hoje fazem parte do centro histórico e são tombadas. Mesmo a edificação sendo um marco na história de uma nova Porto Alegre tem elementos arquitetônicos que remetem a uma arquitetura mais clássica, a formação de Corona deu-se na Espanha, e é claro em algumas de suas obras um estilo clássico aos moldes europeus, e certamente o projeto tenha bebido um pouco de inspiração de nossos vizinhos do Prata, pois a Argentina era pura Europa nesse período. A fachada da galeria pela Rua dos Andradas remete a um estilo renascentista de construção, os andares se intercalam com desenhos de fachadas diferentes, como se fosse cada andar pertencente a uma construção distinta, mas, de extremo bom gosto e arrematado por uma grossa cornija, onde colunas de sustentação extremamente lisas acabam. O pórtico da galeria é composto por duas grossas colunas, uma de cada lado, de granito róseo, pedra que fora extraída das pedreiras do bairro de Teresópolis, o pórtico termina em um semicírculo, que hoje em dia ganhou a identificação com o nome da galeria. Os ladrilhos de seu piso são de grande beleza que mereceram um olhar mais artístico na obra de Gabriela Salvatori:

A obra de Gabriela Salvatori convida para um olhar mais atento às calçadas da cidade, nas imagens e texturas do chão, revelando os vestígios da urbanidade que há ali. Utilizando a técnica da xilogravura, a artista reconstrói o chão da Galeria Chaves, no centro de Porto Alegre e desloca-o para dentro do espaço expositivo, na Casa de Cultura Mario Quintana, elevando o chão para o universo do olhar. (CULTURA, 2012)

São detalhes que passam despercebidos, e só a pessoa que passa com menos pressa consegue ver os detalhes de uma construção com mais atenção, quando o autor recebeu o folder da exposição e o piso vinha impresso, ficou pensando, “eu conheço esse chão”, mas não conseguia identificar, até que com a leitura pode se certificar que se tratava do piso da Galeria Chaves.



Foto 2: gravura do piso dos ladrilhos da galeria chaves, artista Gabriela Salvatori

Fonte: <<http://www.cultura.rs.gov.br/v2/2012/12/ieavi-abre-tres-exposicoes-na-ccmq/>>. Acesso em 13/04/2013.

Antes da revitalização os ladrilhos ficavam ocultos, não tinha-se uma abrangência do total, devido ao grande número de quiosques que existiam na galeria, após a revitalização o espaço ficou mais aberto e pode-se apreciar seu conjunto com mais nitidez, o mesmo aconteceu com um vitral de grande proporção localizado no lado direito de quem entra, que ganhou vida, pois estava com tapumes, e foi uma novidade quando surgiu limpo e com iluminação por traz para a apreciação de quem passava o mesmo aconteceu com os grandes lustres de ferro, que á não faziam parte da decoração do prédio há muito tempo, e foram recolocados. A claraboia da galeria foi substituída por outra totalmente de material transparente, antes a luz interna da galeria só entrava pelas laterais, agora ela é totalmente banhada de luz. Os antigos elevadores manuais passaram a ter acionamento automático, elevadores estes que teve Leonel Brizola na década de 30 como acensorista, antes de iniciar sua vida política trabalhou na galeria.

É importante resaltar que mudanças na estrutura foram feitas, a galeria perdeu sua larga escadaria que dava acesso a Rua José Montaury, e no lugar foi instalada uma escada rolante. Com a retirada da escadaria foi possível abrir o subsolo que antes era utilizado apenas como depósito, agora poderá ser utilizado como espaço para mais lojas, a pessoa que entra pelo acesso da José Montaury, passeia pela parte nova e apanha a escada rolante que também foi instalada para o piso térreo, a Galeria ganhou duas escadas rolantes. Essa convivência do novo com o antigo é uma forma dos prédios não perderem, levam consigo sua carga histórica, mas facilidades e acesso universal são proporcionados para os usuários, tornando mais atraente o uso da edificação comercial, não se pode defender uma restauração

100%, em se tratando de prédios comerciais que seguirão sendo utilizados para a mesma função, assim como um hotel, um prédio comercial não pode envelhecer, deve contar com manutenção constante, deve permanecer atual sem perder a importância como monumento e o pertencimento do coletivo e da memória social de uma cidade, Pesavento (2006, p. 15), nos faz pensar na aprendizagem e as etapas para o patrimônio ser entendido no contexto e ter a importância para uma cidade “entender sua memória social, saber ver lugares dotados de sentido no traçado das ruas e nos prédios e praças, endossar um pertencimento, reconhecendo territórios e temporalidades urbanas”. Provavelmente muitas pessoas que vivem na cidade e tem o costume de ir ao centro conhecem a Galeria, e destas, algumas devem de ter lembranças vividas em seu interior, no apogeu da indústria fonográfica as lojas de discos e depois cd’s povoavam seu interior, muitas pessoas devem ter comprado o disco de seu artista predileto lá dentro, hoje ainda restam algumas, sendo as mais fortes a Sala dos Clássicos no segundo andar e a *Via Imports* no andar térreo, outra tradição da galeria é o quiosque da gravação em metal, provavelmente muitos tenham em suas casas artefatos gravados na galeria.

Muitos escritores riograndendenses provavelmente serviram-se de sua passagem para chegar à Livraria do Globo, prédio quase vizinho a Galeria, em um romance escrito a três mãos, Josué Guimarães, Moacyr Scliar e Luis Fernando Verríssimo descrevem a passagem da Galeria em uma cena de perseguição:

Teva havia dobrado à esquerda, desaparecendo na Galeria Chaves. Atrás dele, os três alemães, o anãozinho disfarçado por causa das pernas curtas e atrás dos três alemães o Dr. Moisés<sup>3</sup>.” (GUIMARÃES, SCLIAR, VERISSÍMO, 1978 apud FISCHER, 2006, p.109)

Percebe-se com esse excerto, que, a Galeria e sua passagem de certa forma estava inserida na cotidianidade da cidade e dos autores, que colocaram como artifício em uma cena de seu livro.

A Galeria conta com um mezanino, em seus primórdios era ocupado por clínicas médicas, agora no lugar há dois restaurantes, e no restante dos 4 pisos existem diversos escritórios e consultórios, na parte que antigamente era utilizada como apartamentos de moradia.

---

<sup>3</sup>GUIMARÃES, Josué; SCLIAR, Moacyr; VERISSÍMO, Luis Fernando. **Pega pra Kapput!**. Porto Alegre : L&PM, 1978.

O prédio da Galeria Chaves foi inventariado com interesse de tombamento e no ano de 1986 aos dezessete dias do mês de janeiro foi realmente tombado sob lei 5260/82, Livro – Tombo, página 022.

#### **4 A MEMÓRIA E A FOTOGRAFIA**

A memória do ser humano pode ser reforçada com o uso da imagem, a fotografia, processo que surge utilizando-se várias técnicas interdisciplinares dentre elas: a química, física, engenharia e a arte estética, cujo resultado final, serve de suporte para o não esquecimento de uma cena ou um momento, fazendo com que o homem de certa forma eternize o seu passado e deixe para gerações seguintes um testemunho de sua vivência e de uma época, assim a fotografia vem cada vez mais vem servindo e enriquecendo os vestígios de um passado e a memória do homem.

Ela une, realidade com o passado, captura a matéria e o ato na sua bidimensionalidade como também, consta que o objeto fotografado realmente esteve lá, naquele espaço-tempo, ou seja, como um certificado legitimador da cena. (SCHVAMBACH, 2008, p.155).

A citação acima resume muito do que é a fotografia, seu ato e o resultado obtido, a imagem capturada é um ato de afirmação e um documento que pode ser utilizado pelo pesquisador como fonte de referência, rico material de pesquisa para refazer passos de uma época ou servir de testemunho da atualidade, como citado por Schvambach Apud Bosi 1987 p.87 (2008, p.157) “lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado”. Uma gama de estudos, podem ser feitos a partir da pesquisa iconográfica, uma época do passado ou processos atuais de mudanças, a imagem serve como um suporte de identificação de etapas e garante-se como um documento de forte documento para embasamento de estudo, pois, mostra as transformações, em um processo de revitalização de um prédio, que é o caso abordado neste trabalho. A foto torna-se documento e auxílio da memória, registro das mudanças em um antes e depois, viver a experiência da transformação.

Mas como fotografar e como olhar para monumentos da cidade em que vivemos, que ficam próximos da experiência cotidiana? Tudo muda naturalmente. Como fotografar o monumento local, que nem parece monumento? (FISCHER, 2006, p. 115)

Para o habitante local, o monumento passa a ter uma relação mais cotidiana dentro do espaço urbano, este convive diariamente com a construção e o ato de fotografar pode tornar-se sem sentido, mas, com o passar do tempo as transformações são sentidas, e o registro da mudança, até mesmo para o estudioso é negligenciado.

Fazer um estudo fotográfico da cidade ou de um local específico no espaço urbano envolve tempo, motivação e uma certa carga afetiva, mas certamente o resultado será surpreendente, pois, nos acostumamos com as mudanças sofridas, e um acervo fotográfico nos faz pensar nas etapas de mudança que uma edificação sofreu com o passar do tempo, algumas vezes não é nos reservado boas surpresas, um exemplo é a depauperação do objeto de pesquisa.

A fotografia nos proporciona um olhar para o passado, uma viagem para uma realidade que não mais nos pertence, pondera Schwambach (2008, p.156) “A fotografia é assim, um objeto-tema de pesquisa, como lembrar e esquecer, se mostrando com um dos laços de pertencimento do indivíduo à determinada sociedade.”, vale como documento de reflexão para ações a serem realizadas no futuro e a rememoração de fatos que marcaram a vida cotidiana de uma pessoa ou um fato que repercutiu para uma comunidade inteira, um exemplo são as fotografias da enchente de 1941, quando a área do centro nas adjacências do Guaíba ficou alagada, a Rua José Montaury, ficou um rio, a passagem da Galeria foi invadida pela água. Porto Alegre transformou-se em uma Veneza, o transporte oficial em alguns dias do mês de maio, foi o barco. Muitos são os registros fotográficos da enchente, mas um em especial vem a corroborar com este trabalho.



Foto 3: foto da passagem da Galeria Chaves na enchente de 1941

Fonte: Reprodução do livro O chalé e a Praça XV: histórias de Porto Alegre. p. 90.

Na fotografia três, vê-se o pórtico da Galeria Chaves à direita durante a cheia provocada pela enchente de 41. Este fato, hoje em dia um marco histórico da cidade, ficou na memória dos que viveram e presente no imaginário da população, graças aos registros fotográficos, as matérias veiculadas na imprensa e a narração do fato pelos mais antigos.

As fotos quando presentes em um acervo podem ser vulneráveis a perda de sua identidade, serem confundidas e ou deturpadas, por este motivo é prudente a execução de uma catalogação eficaz do acervo de imagens, para que não ocorra erros, esta medida é válida para acervos pessoais inclusive os de família, pois a memória muitas vezes pode não ser capaz de lembrar-se de todos os fatos ocorridos e em que circunstâncias determinadas fotos foram tiradas

Desde sempre as imagens foram vulneráveis às alterações de seus significados em função do título que recebem, dos textos que “ilustram”, das legendas que as acompanham, da forma que são paginadas, dos contrapontos que estabelecem quando diagramados com outras fotos etc. (KOSSOY, 1999, p.54 apud SCHVAMBACH, 2008, p.155)<sup>4</sup>

A diversidade de interpretação da fotografia com deficiência de catalogação pode levar o pesquisador a cometer erros, ou cometê-los pela necessidade do vínculo de uma determinada imagem em sua pesquisa. As fotografias segundo Schvambach (2008, p.156) “marcam uma memória e apresentam-se polissêmicas quando passam a ser investigadas historicamente”. Independentemente de pertencerem a um passado distante ou ao passado recente, a fotografia serve como um documento de suporte da memória humana.

#### **4.1 Etapas de uma Revitalização**

As fotos aqui expostas retratam o antes e depois da transformação sofrida na Galeria Chaves, servem como documento da revitalização de um prédio tombado da cidade de Porto Alegre, um exemplo de adequação às modernidades sem a perda total das características originais da edificação. O conjunto de fotos mostra a

---

<sup>4</sup> Kossoy, Boris. **Realidade e ficção na trama fotográfica**. Cotia: Ateliê Editorial, 1999.

mudança através da visão de um transeunte da galeria, diante das novidades e descobertas que uma obra de revitalização pode trazer, além dos benefícios estéticos onde não só o local ganhou, mas, todo o Centro Histórico, mostrando que de certa forma a cidade pode reverter o quadro atual de decadência do centro com mais ações preservacionistas, partindo da iniciativa privada e das esferas governamentais. O ganho não é para somente um dos lados, mas sim para toda uma população e a geração de turismo na cidade.



Foto 4: Fachada da Galeria Chaves antes da revitalização  
Fonte: O autor



Foto 5: Fachada da Galeria Chaves após a revitalização  
Fonte: O autor

Nitidamente, nota-se a retirada de elementos que interferiam na fachada, como aparelhos de ar-condicionado, fiação e toldos, o polimento das placas de identificação da galeria e a recolocação das luminárias de ferro na fachada.





Foto 6: Pórtico da Galeria Chaves visto de dentro, antes da revitalização.  
Fonte: O autor.



Foto 7: Pórtico da Galeria Chaves visto de dentro, após a revitalização.  
Fonte: O autor.

Antes da revitalização não existiam os espelhos bizotados nem a identificação do nome no pórtico de entrada.



Foto 8: Fundos, acesso para a Rua José Montaury antes da revitalização.  
Fonte: O autor.

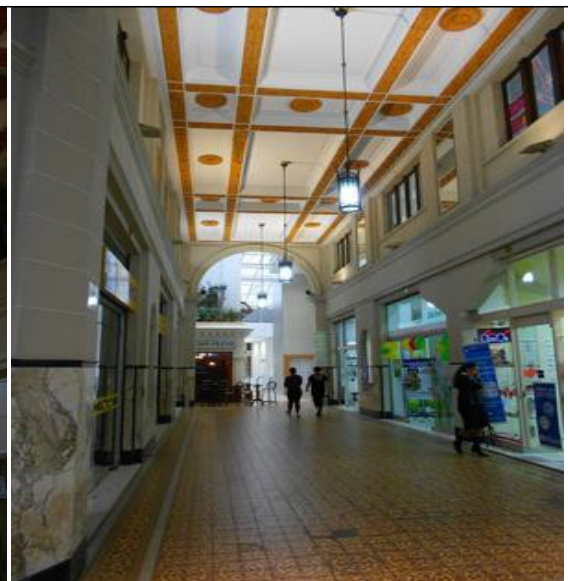


Foto 9: Fundos, acesso para a Rua José Montaury após a revitalização.  
Fonte: O autor.

Nota-se que foi feito o novo acesso para a Rua José Montaury, o zinco que fazia a cobertura na parte superior do café foi substituído por uma grande estrutura de vidro, o que garante um maior conforto para os transeuntes, pois antes chovia no

interior da galeria, e, a expansão da galeria que ganhou mais um espaço comercial, os quiosques foram retirados e os que permaneceram foram padronizados, onde antes via-se vitrines dos quiosques como na foto à esquerda, agora vê-se espelhos.

Aconteceu na Galeria uma padronização de fachadas, assim, as lojas não destoam e formam um conjunto mais integro, luzes ornamentam os detalhes arquitetônicos que antes passavam despercebidos e ou estavam com perdas por desgaste do tempo.



Foto 10: Visão interna do pátio da Galeria para a Rua José Montaury, antes da revitalização  
Fonte: O autor



Foto 11: Visão interna do pátio da Galeria para a Rua José Montaury, após da revitalização  
Fonte: O autor

Na entrada pela Rua José Montaury, aconteceu a maior mudança, neste ambiente não houve o que aconteceu no piso superior, o passadiço foi totalmente modificado, nota-se nas fotos acima, que o piso foi substituído, que, provavelmente já não era o original e um grande quiosque de troféus, que obstruía parcialmente a entrada foi retirado.



Foto 12: Escadaria de acesso entre Rua José Montauray e Rua dos Andradas  
Fonte: O autor



Foto 13: A antiga escadaria fora substituída por uma escada rolante no acesso entre Rua José Montauray e Rua dos Andradas  
Fonte: O autor

A grande escada que fazia parte da construção foi retirada, pois, obstruía a entrada para um grande depósito que a Galeria possuía, com a retirada da escada, a galeria ganhou todo um novo espaço no subsolo, e duas escadas rolantes uma para subida e outra para decida.

A retirada da escada desvirtuou o conjunto arquitetônico do prédio, mas não teria outra forma para ser aproveitada toda a parte do subsolo, que era obstruída pela escada, infelizmente o antigo elo (escadaria) entre as duas ruas tombou dando espaço ao novo. Abaixo fotos tiradas no novo espaço da Galeria chaves a partir da retirada da grande escadaria.

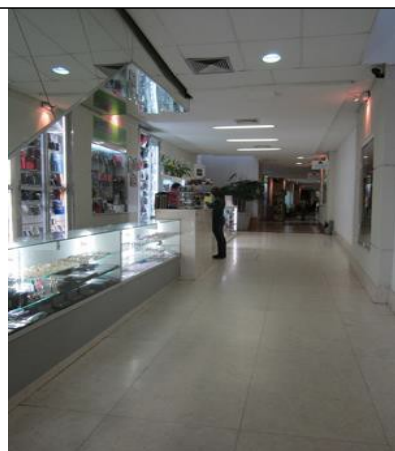


Foto 14: Quiosque abaixo da nova escada  
Fonte: O autor

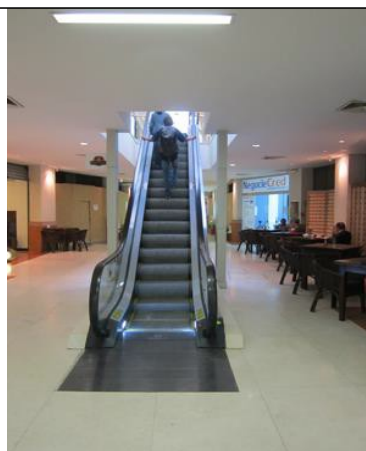


Foto 15: escada rolante de subida ao fundo do novo espaço  
Fonte: O autor

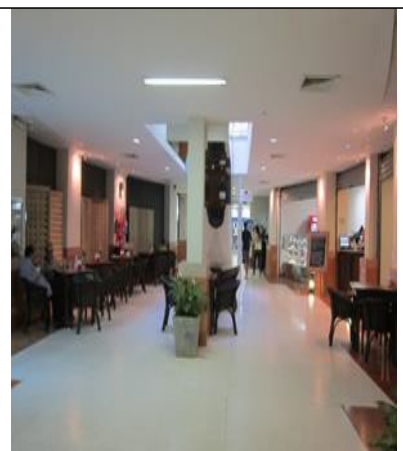


Foto 16: novo espaço disposto com mesas e ainda com alguns espaços destinados à lojas desocupadas  
Fonte: O autor

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Certamente, a revitalização da Galeria Chaves é uma contribuição para o Centro Antigo de Porto Alegre, independentemente de uma de suas partes (entrada da José Montauray) não ter sido preservada em sua essência. A cidade perde sua memória a cada dia, pela depauperação de seu conjunto arquitetônico e uma política atuante de preservação faz-se necessária, o pior para o patrimônio arquitetônico da cidade não é a revitalização ao invés do restauro, mas, o abandono e a demolição são medidas inadmissíveis para a memória da cidade, para o centro da cidade voltar a ser uma opção de passeio, é preciso um comprometimento e um sólido investimento, pois da maneira que se encontra, os habitantes evitam muitas vezes fazer do centro uma opção de lazer, seja pela dificuldade de trafegar ou pela péssima qualidade das calçadas. De nada o centro de hoje, lembra o que foi no passado, infelizmente perde-se muito e a lembrança, fica na rememoração dos que viveram e dos relatos contados em livros através das vivências.

É necessária mais ações de revitalizações, e a conscientização tanto governamental como da população que turismo está fortemente ligado à preservação do patrimônio cultural de uma cidade, Muitas edificações do centro foram palco de acontecimentos marcantes na cidade tem sua história particular, dentro de um macrocosmo, então, a necessidade da preservação ou revitalização de diversas áreas.

Manter viva a Memória da Galeria Chaves é certamente um desafio, mostrar sua história é meta que deveria ser pensada por seus administradores, pois a maioria da população desconhece alguns aspectos da história da Galeria, uma sugestão é a criação de roteiros guiados de visita à Galeria, mostrando a importância que a construção teve na história de Porto Alegre, erguida em um período onde a cidade queria mostrar-se um capital moderna, e a explanação das etapas de revitalização acontecidas no prédio, tudo de maneira descontraída e atrativa, a Galeria tem potencial para abrigar um pequeno memorial com fotos e histórias de seu passado, o que certamente enriqueceria o local, e por último a criação de um site contendo a relação de lojas e escritórios que a Galeria abriga, isto de certa forma ajudaria a incrementar o fluxo no prédio. As ações culturais sugeridas valorizam a memória do local e da cidade, e se bem conduzidas mostram-se eficazes cumprindo a tarefa de divulgação da memória da Galeria e da cidade.

## REFERÊNCIAS

ALEIXO, Cynthia Augusta Poletto. **Edifícios e galerias comerciais: arquitetura e comércio na cidade de São Paulo, anos 50 e 60.** 2005. 283 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo)- USP Escola de engenharia de São Carlos, São Carlos. 2005. Orientador: Prof. Dr. Carlos A. Ferreira Martins.

FISCHER, Luís Augusto. O chalé e a Praça XV: histórias de Porto Alegre. In: FISCHER, Luís Augusto; PESAVENTO, Sandra Jatahy; SOUZA, Célia Ferraz. **O chalé e a Praça XV: histórias de Porto Alegre.** Porto Alegre: Telos, 2006. p. 18-122. Org. Ricardo Morem Schmitt.

GIOVANAZ, Marlise Maria. **Lugares de história: a preservação patrimonial na cidade de Porto Alegre (1960-1979).** 1999. 164 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. 1999. Orientadora: Sandra Jatahy Pesavento

MONTEIRO, Charles. A invenção de história de Porto Alegre. In: KRAWCZYK, Flávio (org.). Da necessidade do moderno: o futuro da Porto Alegre do século passado. Porto Alegre: Secretaria Municipal da Cultura, 2002.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Apresentação. In: FISCHER, Luis Augusto; PESAVENTO, Sandra Jatahy; SOUZA, Célia Ferraz. **O chalé e a Praça XV: histórias de Porto Alegre.** Porto Alegre: Telos, 2006. p. 14. Org. Ricardo Morem Schmitt.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Memória Porto Alegre: espaços e vivências.** Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1991.

Secretaria da Cultura do Estado do Rio Grande do Sul. **Os caminhos por onde andei me levaram até você. Disponível em:** <<http://www.cultura.rs.gov.br/v2/2012/12/ieavi-abre-tres-exposicoes-na-ccmq/>>. Acesso em: 13 abr. 2013.

SCHVAMBACH, Janaina. A fotografia como fonte de pesquisa e sua ficção documental. In: MICHELON, Francisca; TAVARES, Francine. **Fotografia e memória: ensaios.** Pelotas: Gráfica Universitária UFPel, 2008.

SOUZA, Célia Ferraz de. Os espaços da cidade. In: FISCHER, Luis Augusto; PESAVENTO, Sandra Jatahy; SOUZA, Célia Ferraz. **O chalé e a Praça XV: histórias de Porto Alegre.** Porto Alegre: Telos, 2006. p. 123. Org. Ricardo Morem Schmitt.

TEIXEIRA, Elizabeth. **As três metodologias: acadêmica, da ciência e da pesquisa.** Petrópolis: Vozes, 2005.